

## INTRODUZINDO A DIMENSÃO EXISTENCIAL DO HOMEM NA DISCIPLINA DE FUNDAMENTOS DE ENFERMAGEM

Introducing man's existential dimension in the course fundamental of nursing

Magali Roseira Boemer<sup>1</sup>  
 Branca Maria de Oliveira Santos<sup>2</sup>  
 Maria Lúcia Zanetti<sup>3</sup>  
 Regina Célia Popim<sup>4</sup>

### RESUMO

O estudo constituiu-se em um retrospecto histórico de como a disciplina de Fundamentos de Enfermagem vem se norteando em seu enfoque do homem e da assistência de enfermagem a ele prestada. Descreve e analisa uma experiência que vem sendo realizada por docentes da disciplina de Fundamentos de Enfermagem da EERP-USP e que vem consistindo de uma abordagem filosófica sobre o homem a quem assistimos. Alicerçados nas idéias de Heidegger introduzimos as noções de homem como ser-no-mundo-com-os-outros, de mundo do hospital e da doença, de facetas de mundo, possibilitando ver o homem como sendo doente, no seu-doente, bem como novas perspectivas de compreensão do existir humano.

**UNITERMOS:** fenomenologia, ensino.

### ABSTRACT

The study consisted of one historical retrospect of how the course Fundamental of Nursing is being oriented in man focus and the of assistance of nursing given to him. It describes and analyses an experience wich has been realized by teachers of course Fundamental of Nursing in the Nursing School of Ribeirão Preto at University of São Paulo. It consists of the philosophical approach about the man who we assist. Consolidate with the Heidegger's ideas, we introduce the man's notions of being-in-the-world-with-the-others, of hospital and disease world and the facets, enabling to see the man as sick, in his-being-sick, as the new perspective of comprehension of human existence.

**KEY WORDS:** phenomenology, teaching.

### O ENFOQUE DA ENFERMAGEM E DO HOMEM EM FUNDAMENTOS DE ENFERMAGEM - ANÁLISE RETROSPECTIVA

Nesse momento do nosso vivenciar acadêmico detivemo-nos, enquanto docentes da disciplina de Fundamentos de Enfermagem, numa preocupação de repensar a figura do homem ao qual temos prestado a assistência de enfermagem, no sentido de resgatar a essência desse humano.

Uma vez instalada essa preocupação, julgamos oportuno realizar, num primeiro momento, uma revisão da literatura no que concerne à Fundamentos de Enfermagem, com vistas a buscar o pensar dos autores sobre a enfermagem, em que se constitui, qual o seu objeto, a que serve e a quem se propõe a assistir.

Na primeira etapa desse retrospecto histórico, década

de 70, podemos observar que os trabalhos de Horta representaram um marco para a consolidação de um corpo de conhecimentos que fosse específico da enfermagem e que pudesse se constituir em uma base para a ciência de enfermagem. Nesse sentido, a autora considera a enfermagem como um serviço prestado ao indivíduo e não a sua doença ou desequilíbrio, visando como objetivo primordial a assistência integral ao paciente através do diagnóstico de enfermagem estendendo, assim, as perspectivas profissionais até o âmbito da investigação científica.

Dessa forma, Horta (1978) introduz a sua proposta de uma teoria de enfermagem, denominada Teoria das Necessidades Humanas Básicas, que vem contribuir, a nível nacional, para o início de uma preocupação com a sistematização da assistência de enfermagem, segundo um marco teórico.

A partir de então, vários estudos passaram a focar o atendimento dessas necessidades humanas básicas e a importância de se desenvolverem estudos de conteúdos teóricos fundamentais para o exercício de uma enfermagem. Alguns desses conteúdos básicos foram propostos também por Horta e receberam o nome de Instrumentos Básicos de Enfermagem (Horta et al., 1968; 1971).

A recomendação oficial da introdução desses instrumentos básicos no ensino de graduação em enfermagem já vinha ocorrendo desde 1967, momento em que a ênfase de

1 Professor Associado da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP.

2 Professor Doutor da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP.

3 Professor Assistente da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP.

4 Aluna de Pós-Graduação - Área de Enfermagem Fundamental da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP.

um ensino voltado para o desenvolvimento de habilidades técnicas já não mais satisfazia os enfermeiros envolvidos com o ensino da enfermagem.

Assim, a proposta de Horta contém a idéia de que cabe ao enfermeiro, enquanto uma especificidade de atuação, a identificação das necessidades básicas do indivíduo ao qual ele assiste, necessidades essas afetadas por circunstâncias ligadas a determinados eventos de sua vida (por exemplo: doença, hospitalização,...). Mediante essa identificação e nela fundamentada, o enfermeiro elabora o planejamento de sua assistência, com vistas à recuperação do equilíbrio do indivíduo.

A forma proposta pela autora para a concretização dessa assistência, ou seja, a maneira como as ações de enfermagem irão se processar, é entendida como Processo de Enfermagem.

Num segundo momento, dada a grande repercussão dos estudos de Horta, um grande contingente de trabalhos sobre o Processo de Enfermagem, norteados pela sua proposta, defendem a tese em favor da humanização da assistência e da importância de se ver o homem como ser total, abordando o valor da vida e do ser humano, a sua individualidade, mesmo vivendo em constante interação, dentre eles destacando-se Amorim (1979), Paim (1979). Ressaltam ainda que o paciente não se separa de sua essência humana, alertando para a importância de que, no processo ensino-aprendizagem, seja considerado o potencial do professor para despertar no aluno os aspectos relacionados às oportunidades de levá-lo a perceber um envolvimento muito real entre enfermeiro e paciente.

Nesse contexto, surge a preocupação com o momento em que o ensino destas ações sistematizadas deva ser iniciado. Paula (1978), Cianciarullo (1979), Angerami (1985) recomendam o seu início na disciplina de Fundamentos de Enfermagem, ainda que seja voltado para as primeiras etapas do Processo de Enfermagem (Histórico e Diagnóstico).

A disciplina de Fundamentos de Enfermagem tem sido a primeira disciplina profissionalizante do currículo, podendo assumir denominações e conceitos diferentes em várias escolas. Essa situação pode ser evidenciada nas reflexões sobre o ensino de Fundamentos de Enfermagem de Souza e Santos (1989) que, após analisarem a bibliografia existente sobre a mesma, não encontraram descrição de conceitos que delimitassem especificamente o que e no que consiste essa disciplina e quais os aspectos que deva abordar.

Carvalho e Castro (1985, p.5) propuseram uma conceituação de Enfermagem Fundamental como sendo "a ordem ou conjunto de proposições e idéias mais gerais ou mais simples, de onde se deriva a totalidade dos conhecimentos de enfermagem; representa as bases sobre as quais se assenta toda a prática de enfermagem abrangendo também, o aparato ético-filosófico e a dimensão histórica da profissão".

A partir desta conceituação apreendemos que a disciplina de Fundamentos de Enfermagem está inserida neste contexto, uma vez que ela tem contemplado a construção do arcabouço teórico, a definição dos meios para a efetivação do cuidado, a explicação do significado, bem como a justificação das ações de enfermagem, com uma abordagem centrada não apenas em procedimentos, mas em ca-

racterísticas ético-filosóficas que trabalham também com as áreas de domínio afetivo e cognitivo do aluno. É nela que o aluno tem o seu primeiro contato com o cliente, com o hospital e com a assistência de enfermagem. O fio condutor dos programas dessa disciplina tem sido a assistência ao paciente adulto, da internação à alta hospitalar, seus problemas e necessidades básicas afetadas e as ações de enfermagem para o atendimento a eles, abordando também os procedimentos básicos em seus vários aspectos.

A Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP, através dos docentes da disciplina de Fundamentos de Enfermagem, tem estado atenta a todas as novas idéias que remeteram a novas propostas no que tange à formação do aluno, para o exercício de uma assistência de enfermagem fundamentada em um referencial teórico.

Através de uma análise retrospectiva dos programas de Fundamentos de Enfermagem de nossa Escola, no período abordado, pode-se observar que, no início da década de 70, o objetivo consistia basicamente em desenvolver no aluno, conhecimentos, atitudes e habilidades que o capacitassem a aplicar os princípios das ciências físicas, biológicas e sociais com vistas a desempenhar as atividades de enfermagem para o atendimento das necessidades básicas dos pacientes.

Em 1974, atendendo as recomendações da inclusão dos Instrumentos Básicos de Enfermagem no ensino, conforme já foi mencionado, esses foram introduzidos em uma unidade do programa de Fundamentos de Enfermagem, focalizando basicamente a observação, a comunicação, o planejamento e a avaliação, encerrando com uma abordagem das necessidades humanas básicas. O Processo de Enfermagem também mereceu a atenção na medida em que uma outra unidade do programa lhe foi reservada.

Em 1976, houve um desmembramento da disciplina de Fundamentos de Enfermagem em duas: Iniciação ao Estudo da Enfermagem e Fundamentos de Enfermagem. A primeira, ministrada no segundo semestre do ciclo pré-profissional com o objetivo de, como base na conceituação de enfermagem de Horta, bem como nos conceitos de normalidade em enfermagem, levar o aluno a executar procedimentos que o habilitassem a distinguir o normal do patológico. Essa proposta procurou contemplar a idéia de que o ensino fosse voltado do simples para o complexo, enfatizando a saúde, portanto o indivíduo sadio, antes do contato com o doente. Essa visão levou os docentes da disciplina a buscarem um campo de estágio onde os alunos pudessem se separar com uma clientela adequada à proposta. O local selecionado foi uma Escola Estadual de 1º Grau. A descrição dessa experiência está relatada na literatura (ver Angerami et al. 1980).

Na disciplina de Fundamentos de Enfermagem, ministrada no primeiro semestre do ciclo profissional, era enfatizada a competência técnica com vistas à sistematização através do Processo de Enfermagem. Cabe ressaltar, que o paciente sempre foi enfocado como o centro das ações de enfermagem.

Paralelamente a essa disciplina, era ministrado a disciplina Instrumentos Básicos de Enfermagem, então acrescido do conteúdo referente aos princípios da Investigação e da Tecnologia em Enfermagem.

Essa experiência tridimensional foi realizada também

em 1977, sendo que em 1978, o conteúdo da disciplina de Iniciação ao Estudo da Enfermagem passa a ser englobado novamente na disciplina de Fundamentos de Enfermagem que permanece paralela à de Instrumentos Básicos de Enfermagem. Em 1979 ocorre novamente a fusão das disciplinas de Fundamentos e Instrumentos Básicos de Enfermagem, que permanece até 1983, quando retorna o seu desmembramento, que persiste até o momento.

Há de ressaltar o papel dos ENDIFEs<sup>5</sup> enquanto fórum de discussão dos conteúdos pertinentes a essas disciplinas e geradores de diretrizes para a elaboração de conteúdos e estratégias, tendo como pano de fundo a filosofia do Processo de Enfermagem preconizado por Horta.

O que se mostra a nós, nessa retrospectiva de experiência enquanto docentes de Fundamentos de Enfermagem, é que essas disciplinas têm sido criadas, fundidas, extintas, desmembradas, sem que esteja muito claro qual a fundamentação que norteou essas alterações, sugerindo ser mais um atendimento às necessidades de uma grade curricular do que propriamente em função de uma diretriz acadêmica maior.

Nos últimos anos, a Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP tem passado por uma reforma curricular, na tentativa de viabilizar o desenvolvimento de uma nova competência para o exercício da enfermagem. Para tal, fica claro a necessidade de uma reorientação do próprio conceito da profissão, da definição de seu objeto, de sua metodologia de trabalho e do perfil do profissional com vistas à formação do enfermeiro generalista com potencial para desenvolver uma visão global, integrada e crítica, objetivando o desenvolvimento de competências nas diversas áreas de atuação profissional.

Este perfil orientador pressupõe, além do desenvolvimento de uma competência técnico-científica e política, um saber que se aplica à solução de problemas da profissão e à postura do profissional, envolvendo a reflexão crítica acerca do homem, da sociedade e do processo saúde-doença. Nesse enfoque, a formação do enfermeiro encerra uma postura pluralista em relação a várias correntes filosóficas e pedagógicas, evitando tendências reducionistas e centralização em uma única corrente de pensamento.

Os docentes das disciplinas de Fundamentos e Instrumentos Básicos de Enfermagem, enquanto parte integrante desse processo de mudança, também se propuseram a rever suas posturas em relação às disciplinas e, principalmente, em relação à introdução de algumas idéias que levassem o aluno a um novo pensar o homem ao qual a assistência de enfermagem é prestada.

## NOVAS IDÉIAS SOBRE O PENSAR E O HOMEM

De todo o exposto nas trajetórias analisadas, pode-se apreender que tem havido um direcionamento para a fundamentação da assistência de enfermagem, segundo a propostas de Horta, cuja teoria das Necessidades Humanas Básicas se embasa na teoria motivacional de Maslow e no referencial de Mohana (Horta, 1978; 1970).

Retomando essa proposta, o que se mostra a nós é a insistente e consistente preocupação da autora, em conhecer o indivíduo a quem prestamos a assistência. Daí, a proposta do termo Diagnóstico de Enfermagem, entendido como "conhecer mediante" (diagnose).

Temos compartilhado dessa preocupação em conhecer o homem a quem prestamos a assistência de enfermagem e, enquanto docentes de uma disciplina que se propõe a iniciar o aluno no aprendizado do exercício profissional, temos buscado caminhos que viabilizem a operacionalização de ações de enfermagem que venham ao encontro desse homem com suas necessidades. Temos também participado de eventos (1º ENDIFE, 1979) que têm se proposto a repensar e a redimensionar a proposta de Horta para que ela efetivamente possa se constituir em caminhos para a prática de enfermagem.

É exatamente essa preocupação em conhecer esse homem a quem cuidamos que nos fez sentir a necessidade de repensar os vários caminhos para a proposição da assistência, interligados às várias maneiras de se ver a assistência de enfermagem, à concepção de problemas e de necessidades.

Nesse momento, sentimos ser necessário alguma mudança nessa ótica de forma a torná-la coerente com a maneira como temos analisados tal questão.

Quando se fala em assistência de enfermagem a pacientes estaremos abordando, então, a questão do homem doente e com problemas que afetam as necessidades humanas básicas, ou seja, a sua condição de homem. Nesse sentido, o paciente passa a ser entendido como a pessoa que está doente e necessita de assistência de enfermagem, portanto, como aquele que vai receber essa assistência, sendo assim, objeto dela.

Uma primeira observação que se nos apresenta é a questão do termo homem doente (paciente) sugerindo hermético ou mesmo estático e que não tem mais satisfeito as nossas propostas de conhecimento. Assim, preferimos hoje enfocar esse homem como sendo doente, ou seja, aquele homem que, pela facticidade do mundo, contraiu determinada doença e está vivenciando um momento de sua existência: o seu sendo-doente.

Visto dessa forma, entendemos ser necessário compreendê-lo nesse seu sendo no mundo da doença, ou seja, como ele se situa no mundo nesse seu sendo-doente; como vê suas possibilidades; qual o significado da doença em sua existência para, então, poder ajudá-lo nessa convivência ou nessa vivência de uma situação de doença.

A doença, entendida como uma possibilidade dentro do seu horizonte de possibilidades, vai afetar o indivíduo em todo o seu ser, o seu sendo-no-mundo. Mundo entendido não como mundo físico mas humano, a tal ponto que o homem não se define sem o mundo, nem o mundo sem o homem. Trata-se de mundo vivido, entendido como lugar da experiência existencial, mundo que vai sendo formado e estruturado pelo indivíduo, de posse de sua auto-consciência.

O que defendemos, então, para podermos pensar em assistência de enfermagem é que haja um pensar o paciente como um homem que tem seu mundo - e as facetas desse mundo - e que vivencia uma situação de sendo-doente.

A nosso ver e no de autores que têm se dedicado a

5 Encontro Nacional dos Docentes de Introdução e Fundamentos de Enfermagem.

estudos sobre a existência humana em suas várias perspectivas Augras (1981), Severino (1983), Heidegger (1988), é que à doença serão atribuídos significados pelo indivíduo que vive a situação e esses significados estarão interrelacionados ao seu vivenciar a doença.

Sob essa ótica não teríamos problemas previamente direcionados ou previsíveis, mas teríamos que buscar o significado da doença em sua existência. Isso não exclui um pensar pré-reflexivo, nem abdica da utilidade de se conhecer as forças e mecanismos que atuam na conduta do paciente. É importante familiarizar-se também com seus esquemas de relações interpessoais ou mesmo informar-se sobre suas condições sociais. Mas, todos esses elementos ficam reduzidos a nível totalmente diferente quando nos enfrentamos com o fato fundamental ou o mais real de todos: a pessoa mesma, imediata e vivente.

Ante essa perspectiva, a volumosa informação que tenhamos sobre o paciente adquire outra dimensão: os dados recebem seu sentido, sua forma e significação da realidade da pessoa de que são expressão, todas essas informações concretas. Desta forma, quando pretendemos conhecer uma pessoa, devemos subordinar nosso conhecimento sobre o fato básico de sua existência real. A pessoa e seu mundo formam um todo unitário e estrutural, de forma a tornar compreensível a nós as palavras de Merleau-Ponty (1973). "Eu sou o mundo que percebo".

Nesse pensar, outro direcionamento seria em relação ao paciente, entendimento como objeto da assistência de enfermagem, levando-nos a contemplar a possibilidade do paciente ser sujeito da assistência de enfermagem. Na medida em que o enfocamos como ser no mundo, vivenciando uma situação de doença, portanto, sendo doente, ele poderá junto com o enfermeiro, nessa perspectiva, a partir dos significados que ele atribui, a partir do seu entendimento, co-determinar a assistência. A assistência de enfermagem passa, então, a ser encarada como ação em que paciente e enfermeiro serão ambos, sujeito e objeto dessa ação, num enfoque de assistência de enfermagem compreensiva Boemer (1987), Ferraz (1990). Se a doença está significando problemas - em que nível - em que extensão - de que natureza - isso será entendido como algo pertencente a uma esfera onde paciente e enfermeiro decidirão juntos, numa relação dialógica.

Essa ótica possibilitou-nos algumas idéias embrionárias em relação a como estar ensinando de forma a levar os alunos a esse novo ver o homem e a assistência de enfermagem que lhe é prestada.

## O HOMEM ENQUANTO SER NO MUNDO - UMA PROPOSTA DE ENSINO

Em 1987, introduzimos no programa da disciplina de Fundamentos de Enfermagem, uma unidade denominada o homem enquanto ser-no-mundo, com a finalidade de possibilitar ao aluno uma visão mais ampla, mais global do que vem a ser esse homem, objeto da assistência de enfermagem.

Tal iniciativa, face a essas novas idéias que expusemos, pretendeu resgatar o conceito de homem em sua humanidade, em seu existir humano, pois Fundamentos de Enfermagem teve, durante muitos anos, erradamente, a co-

notação de ser uma disciplina cuja essência era a técnica, visão essa que os docentes vêm lutando, sem grande êxito, para corrigir.

A nível de nosso discurso com os alunos, por mais que falássemos no todo do ser humano, enfocando os aspectos biopsicossociais, acabávamos, sem o perceber, por fragmentar esse homem em corpo e mente, sadio e doente em um ser biopsicossocial, como se fosse um somatório de partes, de componentes.

Assim, o que essa unidade pretendeu ser foi uma tentativa de devolver ao homem o seu "status" de todo, de integração de partes e a indivisibilidade do seu ser. Fundamentalmente pretendemos chegar à essência do homem enquanto ente que pode pensar o seu SER, para compreender esse homem em sua existência.

Torna-se necessária, então, uma abordagem desse homem segundo o referencial da filosofia que vem, nos últimos anos, se revelando tão importante para a enfermagem quanto o são as ciências biológicas. Essas se esforçam para explicar o homem no seu aspecto funcional; a filosofia pretende abordar o homem propondo-se a compreendê-lo em sua existência.

Optamos então, para nortear o desenvolvimento dessa unidade, pelo referencial filosófico de Martin Heidegger por ser esse um filósofo que demonstrou, em toda a sua obra, uma preocupação fundamental com o homem em seu cotidiano. Sua obra máxima, *Ser e Tempo*, Heidegger (1988), nos revela essa preocupação de forma inquestionável.

No pensamento heideggeriano o homem é um ente que pode questionar o seu SER e, por isso, é um ente privilegiado. Só ele, diz Heidegger, tem a possibilidade de logos, de discurso, diferenciando-se dos demais entes. Por ser um SER de discurso é um SER de presença. Só o homem "ex-iste" no sentido muito concreto de que só ele pode pensar seu SER. Existência entendida enquanto a capacidade do homem para ficar fora de si mesmo, para tornar-se aberto ao brilho do SER; portanto, a compreensão do SER é o atributo determinante e o fato fundamental da existência humana (Steiner, 1978).

Para este filósofo, o homem é um ser lançado no mundo, sem escolha pessoal, sem conhecimento prévio, mundo esse que estava aí, diante dele e estará aí depois dele. A expressão lançamento pretende sugerir a facticidade de ser entregue a.

De que modo esse mundo nos recebe? Para Heidegger o mundo vem ao nosso encontro na forma das coisas e, quando nele somos lançados, encontramos aí outros homens. Compreender a presença de outros é existir e, portanto, ser-no-mundo é ser-com.

Essas idéias que ressaltam o homem enquanto um ente privilegiado são introduzidos nessa unidade com vistas a que os alunos venham a conhecê-lo e compreendê-lo no seu mundo cotidiano para, só assim, poder compreendê-lo no mundo do hospital, no mundo da doença e no seu sendo-doente.

Introduzimos, também, algumas idéias de mundo e de suas facetas pertinentes a esse pensamento filosófico existencial. Para May e outros (1977) o homem se revela na sua relação com os objetos e com as pessoas no mundo. Mundo entendido não apenas como algo referente ao ambiente

circundante, objetivamente considerado, mas constituindo a totalidade na qual o ser humano vive, atua, estabelece relações com os outros homens e também com as coisas, atribuindo-lhes significados. É a dimensão na qual a temporalidade e a historicidade do homem estão presentes; é o espaço do vivido e inclui as possibilidades futuras. A relação entre homem e mundo é tão íntima que só se pode entender o homem existindo no mundo Van Den Berg (1981).

Essa primeira abordagem dessas idéias, através da estratégia de ensino de exposição dialogada, possibilitou uma fértil inquietação entre os alunos diante de uma nova maneira de ver e entender o homem e, portanto, a si mesmos. Nesse sentido, o homem a quem irão prestar assistência se humaniza, se insere no mundo cotidiano e é compreendido em seu habitar o mundo no qual foi lançado. O estar-com começa a ser compreendido com toda a sua conotação dialética de amor e ódio, proximidade e afastamento, zelo e negligência e a solicitude em todas as suas formas para levar ao crescimento humano.

A doença começa a ser percebida por eles enquanto uma possibilidade entre tantas outras que se constitui, todas elas num horizonte de possibilidades inerentes ao ser humano. A partir de então, fica-lhes mais fácil o entendimento do homem numa situação de doença, deslocando a ênfase da doença para a pessoa doente, para o ser doente.

No momento subsequente do desenvolvimento dessa unidade, os alunos recebem textos previamente selecionados cujas leituras visam maiores possibilidades de que essas idéias se doem à percepção dos alunos.

Os textos selecionados contemplam esse referencial teórico. Têm sido elaborados por nós ou, às vezes, utilizamo-nos de estudos que, de alguma forma, têm-se fundamentado nesse referencial, em seu cotidiano de prática de saúde. (Olivieri, 1985; Boemer, 1987).

Para essas leituras dividimos a classe em três grupos sendo que cada um recebe um texto. Os grupos são orientados para eleger um coordenador e um relator. Sempre um docente permanece à disposição de cada grupo para assessoramento das discussões.

As idéias apreendidas por cada grupo são levadas por seus relatores e numa discussão e debate finais, a classe é reunida novamente quando os docentes, após ouvirem os relatores, elaboram uma síntese contemplando a essência do que foi proposto para essa unidade do programa.

Esse momento de síntese possibilita o emergir do que se configura para nós como uma atividade prática ao final da unidade e que pretende levar o aluno a se nortear por essas idéias entrando no mundo do hospital.

Nessa diretriz estão contidas todas as idéias desenvolvidas até então, na medida em que cada aluno irá ao hospital para um encontro com um ser, que nesse momento, vivencia uma situação de doença e isso afeta todo o seu ser. Não se trata de uma entrevista com perguntas e respostas, mas, sim, de um compartilhar por alguns momentos

com o ser doente no seu sendo-doente, o que não exclui todas as outras possibilidades do seu existir humano.

Essa atividade prática pressupõe ainda, a possibilidade de levar o aluno a ir se apropriando do mundo do hospital para compreender-se enquanto ser que passará a habitar esse mundo. E nesse habitar precisa, necessariamente, compreender o ser doente, que também habita esse mundo mas que tem, numa dimensão maior, o seu mundo próprio onde é uma pessoa viva e existente.

Naturalmente que sob essa perspectiva não caberia roteiro para entrevista. Sugerimos apenas algumas questões orientadoras que possam ajudar o aluno no sentido de que o doente se mostre a ele nesse encontro, no seu sendo doente, para que a sua fala se doe à percepção do aluno. Essas orientações encontram-se em Anexo A.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já mencionamos, essa unidade que foi introduzida em 1987, vem sendo abordada em nosso programa, até o momento. À ela, seguem-se as outras unidades que procuram iniciar o aluno em conhecimentos e procedimentos técnicos que o habilitem a prestar cuidados fundamentais de enfermagem.

O que se mostra a nós no momento em que paramos para descrever essa experiência e que nos possibilitou uma reflexão, é que essa unidade tem permanecido desvinculada e desarticulada das demais unidades. Por mais que, a nível teórico, se pense num elo com as aulas subsequentes, não temos conseguido efetivamente realizar essa ligação e isso tem frustrado a nós docentes e, provavelmente, aos alunos que apenas podem vislumbrar um novo "ver o homem", sem muitas chances de concretizar esse pensar em suas limitações; tal desarticulação se mostra com maior intensidade quando pensamos no elo entre essa unidade e as disciplinas paralelas ou subsequentes a Fundamentos de Enfermagem.

É necessário considerarmos ainda que os campos de estágio que temos disponíveis para o aprimoramento técnico-científico do aluno não possibilitam também um exercício da assistência de enfermagem fundamentado numa proposta compreensiva, na qual paciente e enfermeiro possam co-determinar essa assistência (Boemer, 1987; Ferraz, 1990). Nesse sentido paciente e enfermeiro seriam sujeitos dessa assistência e esse ver é coerente com a proposta da unidade, cujos pressupostos filosóficos expusemos durante o trabalho.

Apesar dessas limitações julgamos válido continuar introduzindo esse novo pensar o homem e a assistência de enfermagem a ele prestada pois, a omissão dessa perspectiva que já vem habitando a literatura de enfermagem pode se mostrar mais danosa do que sua apresentação, mesmo que de forma restrita.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 AMORIM, M.J.A.B. Enfermagem: profissão humanitária. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v.32, n.4, p.359-368, out./nov./dez. 1979.
- 2 ANGERAMI, E.L.S.; BOEMER, M.R. Estudo da produção científica em introdução e fundamentos de enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v.38, n.1, p.14-25, jan./mar. 1985.
- 3 ANGERAMI, E.L.S.; BOEMER, M.R.; SANTOS, B.M.O.; MENDES, I.A.C.; TAKAKURA, M.S. Relato de uma experiência de ensino na disciplina de iniciação ao estudo de enfermagem. *Revista Enfermagem Atual*, v.13, p.16-18, set./out. 1980.
- 4 AUGRAS, M. *O ser da compreensão: fenomenologia da situação de psicodiagnóstico*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1981.
- 5 BOEMER, M.R. et al. A quem oferecemos o cuidado de enfermagem - uma visão fenomenológica. In: SEMINÁRIO NACIONAL O PERFIL e a COMPETÊNCIA DO ENFERMEIRO, 1, Brasília, 1987. *Anais...* Brasília: Universidade de Brasília: Fundação Hospitalar do Distrito Federal/CEDRHS, 1987. p.95-103.
- 6 CARVALHO, V. de; CASTRO, I.B. Marco conceitual para o ensino e a pesquisa de enfermagem fundamental: um ponto de vista. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v.38, n.1, p.76-86, jan./mar. 1985.
- 7 CIANCARULLO, T.I. 1º Encontro Nacional de Introdução e Fundamentos de Enfermagem. *Revista Enfermagem em Novas Dimensões*, v.5, n.1, p.56-57, jan./fev. 1979.
- 8 DOCUMENTO final aprovado no I Encontro Nacional de Doentes de Introdução e Fundamentos de Enfermagem. *Revista Enfermagem em Novas Dimensões*, v.5, n.1, p.58-61, jan./fev. 1979.
- 9 FERRAZ, C.A. et al. Sistematização da assistência de enfermagem no referencial fenomenológico. In: SEMANA WANDA DE AGUIAR HORTA, 3, São Paulo, 1989. *Anais...* São Paulo: Escola de Enfermagem/USP, 1990. p.111-119.
- 10 HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Trad. de Márcia de Sá Cavalcanti. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1988.
- 11 HORTA, W. de A. *O processo de enfermagem*. São Paulo: EDU/EDUSP, 1978.
- 12 \_\_\_\_\_. Contribuição para uma teoria de enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, n.23, n.3/6, p.119-125, jul./dez. 1970.
- 13 HORTA, W. de A.; SILVIERI, M.C.; PAULA, N.S. de; HARA, Y. Renovação dos métodos e técnicos de ensino em "fundamentos de enfermagem" na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v.21, n.4, p.231-244, ago. 1968.
- 14 HORTA, W. de A.; HARA, Y.; PAULA, N.S. de. O ensino de instrumentos básicos de enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v.24, n.3/4, p.159-169, abr./jun. 1971.
- 15 MAY, R.; ANGEL, E.; ELLENBERGER, H. *Existência - nueva dimensión en psiquiatria y psicología*. Trad. Cecilio Sanchez Gil. Madrid: Gredos, 1977.
- 16 MERLEAU-PONTY, M. *Ciências do homem e fenomenologia*. Tradução, prefácios e notas de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Saraiva, 1973.
- 17 OLIVEIRI, D.P. *O ser doente*. São Paulo: Moraes, 1985.
- 18 PAIM, L. Algumas considerações de enfermagem sobre as necessidades psico-sociais e psico-espirituais dos pacientes. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v.32, n.2, p.160-166, abr./maio/jun. 1979.
- 19 PAULA, N.S. de et al. Processo de enfermagem orientado para os problemas do paciente: iniciação de ensino em fundamentos de enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v.31, n.1, p.101-113, jan./fev./mar. 1978.
- 20 SEVERINO, A.J. *Pessoa e existência: iniciação no personalismo de Emmanuel Mounier*. São Paulo, Autores Associados: Cortez, 1983.
- 21 SOUZA, R.M.C.; SANTOS, V.L.C.G. Coords. *Reflexões sobre o ensino de fundamentos de enfermagem*. São Paulo: Atheneu, EDUSP, 1989.
- 22 STEINER, G. *As idéias de Heidegger*. Trad. de Alvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1978.
- 23 VAN DEN BERG, J.H. *O paciente psiquiátrico - esboço de psicopatologia fenomenológica*. Trad. Miguel Mailet. 4.ed. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

Endereço do autor: Magali Roseira Boemer  
 Author's address: Rua Cerqueira Cesar, 880 Ap. 112  
 14.010 - Ribeirão Preto - SP

Trabalho recebido em: 29/01/92  
 Solicitado reformulações aos autores em: 09/04/92  
 Data de retorno em: 25/05/92  
 Aprovação final em: 02/06/92

## ANEXO A

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
 ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO  
 Departamento de Enfermagem Geral e Especializada

## DISCIPLINA: Fundamentos de Enfermagem

## UNIDADE II - Atividade Prática

Docente: Profa. Dra. MAGALI ROSEIRA BOEMER  
 Profa. Dra. BRANCA MARIA DE O. SANTOS  
 Profa. MARIA LÚCIA ZANETTI  
 Aluna de Pós-Graduação: REGINA CÉLIA POPIM  
 Local: Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina  
 de Ribeirão Preto-USP

## Orientações

Para realizar esta atividade o aluno deverá ir ao Hospital para conhecer um paciente e para isso, elaborará segundo sua própria criatividade, a forma como vai desenvolver o seu encontro com esse paciente.

Não forneceremos, portanto, nenhum roteiro. Cada aluno criará a sua forma de abordagem, da maneira que julgar melhor, de modo que o conteúdo ministrado na Unidade II possa emergir nesta atividade prática, no aqui e agora.

Numa tentativa de ajuda, elaboramos apenas algumas questões orientadoras que poderão dar algum subsídio para o aluno, de modo que consiga que o paciente, durante o encontro, possa mostrar-se à ele em seu sendo-doente.

Após o encontro cada aluno realizará um relato do mesmo, por escrito, e entregará aos docentes responsáveis no dia \_\_\_\_\_

## Questões Orientadoras

- Como abordou o paciente?
- O que conseguiu aprender do mundo vida desse paciente? Quem é ele e qual é o seu mundo?
- Como vê a doença em sua existência?
- Como se vê inserido no mundo do hospital?
- Como esse mundo se apresenta para ele?
- Como vê seu médico e o tratamento que vem recebendo?
- Como vê a enfermeira e a enfermagem?
- Como vê os cuidados de enfermagem que lhe são prestados?